Empresas&negócios

Porto Alegre, segunda-feira, 12 de agosto de 2024 | Ano 23 - nº 32 | Jornal do Comércio

JORGE DIENSTMANN / ARQUIVO PESSOAL / JC

REPORTAGEM ESPECIAL

Enchentes agravam situação dos produtores de leite

A literatura sagrada diz que depois da tempestade vem a bonança, só que não para o setor leiteiro gaúcho. Depois de amargar perdas gigantescas, ter rebanhos inteiros dizimados, equipamentos, galpões, tambos e as próprias casas destruídos pela tragédia climática de maio, produtores padecem agora com a falta de alimento para as vacas, pois grande parte da silagem e do pré-secado que tinham estocado se foram com as águas. Falta também auxílio dos governos estadual e federal que, até agora, não liberaram recursos para recuperação do setor. E qual tem sido a saída para muitos? Justamente sair, abandonar a atividade.

LEIA NAS PÁGINAS 6 A 10

Editor-Chefe: Guilherme Kolling
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br
Editora de Economia: Fernanda Crancio
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br
Editora-assistente: Cristine Pires
cristine.pires@jornaldocomercio.com.br
Diagramação: Gustavo Van Ondheusden e Ingrid Muller

Opinião

Como impulsionar os negócios com observabilidade

Alex Camargo
CTO da Delfia

As organizações que dispõem da observabilidade para monitorar ambientes e compreender o desempenho dos sistemas e aplicativos conseguem garantir confiabilidade e eficiência para gerar insights valiosos aos negócios e oferecer serviços inovadores. Além de proporcionar visibilidade sobre o comportamento das aplicações, é um processo que contribui para a tomada de decisão com base nas transações que estão ocorrendo nos ambientes operacionais.

Setores como o financeiro e o varejista foram os primeiros a adotarem soluções de observabilidade e chegaram à sua maturidade, principalmente no contexto da pandemia, provocando uma aceleração da transformação digital. Aquelas que não deram atenção para esse tema no passado, agora estão olhando como algo estratégico, investindo de maneira inteligente em ferramentas, processos e treinamento. São companhias de todos os segmentos, desde indústria, serviços, healthcare, seguros, que precisam dela para a competitividade no mercado. Investimento em observabilidade é mais do que um custo: é um recurso para blindar a marca, vender mais, ter confiabilidade, ampliar o market share e reter clientes.

De acordo com o estudo anual de observabilidade da Splunk, que avaliou o investimento e a implantação de produtos de observabilidade, bem como o compromisso com projetos de observabilidade em seus ambientes de TI, publicado no relatório State of Observability 2023, mostra que 87% dos entrevistados agora empregam especialistas que trabalham exclusivamente em projetos de observabilidade. De modo geral, os planos de observabilidade fazem parte de um esforço maior entre muitos líderes de TI que estão trabalhando para criar redes mais seguras que possam se recuperar rapidamente de incidentes e corrigir ameaças de segurança mais rapidamente.

Há uma série de fatores que impactam se as organizações não adotam a abordagem da observabilidade. Na nova economia, empresas fazem centenas de mudanças nos softwares, a cada minuto e isso é comum. Dormimos e acordamos com uma nova versão do WhatsApp e isso é constante e dinâmico.

Hoje, usamos os smartphones para, por exemplo, fazer uma consulta de saldo no banco, efetuar um Pix ou fazer uma compra no e-commerce. A camada de observabilidade monitora essas transações e a performance, acompanhando o usuário nessa jornada digital. E por meio dos insights fornecidos por ela, sabemos qual a receita gerada naquele momento, quem está acessando, quais são os produtos ou serviços que mais geram acesso em real time.

A observabilidade também pode reforçar a competitividade em outras áreas do negócio. Um exemplo é o de uma empresa de meio de pagamento, no qual a observabilidade foi estendida para o marketing. Se o usuário tentava fazer um pagamento e não conseguisse por algum motivo, uma pessoa da equipe de marketing recebia aquele comunicado e entrava em contato com ele para finalizar a compra, seja via WhatsApp ou telefone. Essa empresa reteve o cliente em real time e não o deixou ir para a concorrência, graças a essa proatividade que a solução traz.

A prática não só fortalece o ambiente empresarial, mas também, se aplica à performance no ambiente de infraestrutura, para que os aplicativos sejam mais performáticos e confiáveis para a velocidade no acesso dos usuários. Uma companhia B2B, que realiza esse trabalho de monitoramento para outras empresas, além de aprimorar estrategicamente o processo de tomada de decisão nas operações tecnológicas, impacta na outra ponta do modelo de negócio: no consumidor final. É acompanhar o cliente do nosso cliente.

Uma das principais redes de farmácias do Brasil apresentava problemas no PDV (ponto de venda) com a indisponibilidade no sistema de caixa, gerando filas para o pagamento. Por meio da observabilidade, foi possível resolver esses problemas rapidamente, com agilidade operacional e garantindo o bom desempenho, o que se traduz em satisfação do cliente. O recurso também otimiza a vida das pessoas e traz benefícios de maneira geral para a população.

Além da performance, a observabilidade acabou ganhando um novo pilar: o de segurança. Nos ambientes em cloud, por exemplo, é preciso ter parâmetros de segurança dentro do contexto da observabilidade, pois a nuvem traz uma série de vulnerabilidades: linhas de código, credenciais expostas e até uma porta aberta dentro de um servidor podem representar ameaças. Dessa maneira, a sinergia da segurança com a observabilidade dá o contexto 360º: o monitoramento e a visibilidade, do início ao fim de uma transação.

Além de proporcionar mais robustez às operações tecnológicas, a observabilidade é um item fundamental para inovar e prosperar no futuro e para o crescimento e sucesso dos negócios, acelerando a transformação digital das empresas e dando confiabilidade ao serviço ou produto que ofertam ao consumidor final.

DELFIA/DIVULGAÇÃO/JC

Há uma série de fatores que impactam se as organizações não adotam a abordagem da observabilidade

Inteligência Artificial: desafios e necessidades de regulação

André Fernandes
Diretor de Pré-Vendas da NIC

Vivemos um momento de extrema importância no desenvolvimento e implementação da Inteligência Artificial (IA). A discussão sobre os próximos passos dessa tecnologia está presente no nosso dia a dia, especialmente no que se refere à oferta de serviços, ao atendimento ao cliente e às finanças. A utilização massiva de dados, embora repleta de potencial, levanta preocupações relevantes.

Por isso, a regulação da IA é um tema delicado e essencial. Cada vez mais, as empresas que desenvolvem soluções de IA no Brasil e ao redor do mundo precisam estar cientes das responsabilidades que acompanham essa inovação.

A IA é tão eficaz quanto a base de dados que utiliza para aprender. Portanto, do ponto de vista profissional e empresarial, é essencial que essas informações sejam analisadas e utilizadas de maneira segura, evitando que a IA produza dados falsos ou imprecisos, também conhecidos como alucinações. Além disso, é importante que o conteúdo utilizado para alimentar a IA seja validado e livre de viés, para evitar situações indesejadas e/ou indevidas.

A regulamentação deve assegurar que as empresas utilizem conteúdos válidos e relevantes, limitados às suas fontes de dados (como por exemplo, artigos, base de conhecimento entre outros) impedindo que a IA se conecte a fontes não confiáveis na internet. A curadoria dos dados é crucial não apenas para garantir a precisão, mas também para definir o alcance desses dados. Por exemplo, se uma IA é incapaz de encontrar uma informação específica na internet, ela não deve inventar uma resposta apenas para satisfazer o usuário. Isso é fundamental no contexto empresarial, onde a precisão e a confiabilidade das informações são essenciais.

Embora algum tipo de regulamentação seja necessário, é igualmente importante que ela não iniba a inovação.

Regulamentações excessivas que limitem o uso de dados ou imponham restrições rigorosas à curadoria podem inviabilizar o uso da IA. A inteligência artificial é um diferencial importante na jornada do cliente, permitindo que as empresas forneçam informações de maneira mais inteligível e eficiente.

Na prática, a IA pode transformar a experiência do cliente ao oferecer informações de maneira mais acessível. Ao invés de apresentar um conjunto de artigos para que o cliente leia e compare, a IA pode fornecer um resumo claro e direto das informações relevantes. Por exemplo, ao buscar comparações entre cartões de crédito, a IA pode apresentar um texto detalhado das diferenças, em vez de uma tabela complexa.

Um dos grandes desafios da IA é traduzir informações técnicas em uma linguagem que seja facilmente compreendida pelo cliente. A tecnologia deve ser treinada para consumir esses conteúdos e traduzi-los de forma que qualquer pessoa possa entender. Isso exige que os modelos de IA estejam alinhados com o tipo de serviço que estão destinados a prover. Não faz sentido treinar uma IA em atendimento ao cliente se o objetivo é utilizá-la em suporte técnico.

O desenvolvimento e a implementação da IA são inevitáveis e extremamente benéficos para a sociedade. No entanto, a regulação precisa encontrar um equilíbrio entre garantir a segurança e a ética, sem sufocar a inovação. A IA pode revolucionar nossa interação com tecnologias e informações, desde que apoiada por dados robustos e regulamentação apropriada. O futuro da IA depende da nossa capacidade de gerenciar esses desafios de maneira responsável e inovadora.

NICE/DIVULGAÇÃO/JC

Com a palavra

Gerson Luiz Simonaggio

Nutrire quer levar alimentação para cães e gatos de 100 países

NUTRIRE/DIVULGAÇÃO/JC

Executivo destaca o objetivo de dobrar a produção em cinco anos, de forma a ampliar a participação nos mercados

Roberto Hunoff, *especial para o JC*
economia@jornaldocomercio.com.br

Desde seu primeiro negócio, uma empresa familiar com pai e irmãos, Gerson Luiz Simonaggio sempre colocou o mercado externo como prioridade estratégica. Foi assim em uma fabricante de embalagens plásticas, da qual foi sócio, e segue como premissa na Nutrire, criada em 2001 para produção de alimentos balanceados para cães e gatos, também conhecida como nutrição petfood. Atualmente, emprega mais de 420 colaboradores em duas plantas produtivas.

A primeira venda para o exterior foi em 2004, para o Uruguai, iniciando um movimento que alcança 52 países de três continentes e coloca a Nutrire na liderança nacional do ranking de exportação de alimentos pet. O próximo objetivo em andamento é levar, até 2028, os produtos para cães e gatos de 100 países, motivo que orientou investimento de R$ 15 milhões para elevar e qualificar a capacidade fabril, que deverá chegar a 950 toneladas/dia.

Empresas & Negócios – Quais estratégias foram determinantes para a Nutrire ser, atualmente, a maior exportadora brasileira de alimentos para o segmento pet?

Gerson Luiz Simonaggio – Na empresa familiar, que começou produzindo bombas de chimarrão, em 1973, e posteriormente agregou utilidades domésticas, entendia que era fundamental investir no mercado externo para ter diversidade de clientes para não depender exclusivamente das vendas internas. Mas para consolidar este projeto tinha em mente que era necessário investir em tecnologias, embalagens, portfólio diversificado, qualidade e produto adequado ao mercado para ser competitivo. Inicialmente, se vendia por meio de comerciais exportadoras localizadas na fronteira do Rio Grande do Sul. A primeira exportação direta foi para a Argentina, em 1990, que abriu espaços para outros mercados. Foi o período em que a empresa teve um crescimento exponencial. Esta visão reproduzi em uma empresa de embalagens plásticas, na qual fui sócio, e agora é aplicada na Nutrire.

E&N – Como surgiu a Nutrire?

Simonaggio – A empresa de embalagens foi montada por dois sócios, em Bento Gonçalves, para atender o segmento pet. Acabei me envolvendo com a atividade porque atendia os maiores players. Naquela época, o crescimento do mercado pet era de 15% a 18% por ano. Vendo esta evolução deixei a sociedade e investi na Nutrire, que foi criada em outubro de 2001 e entrou em operação no ano seguinte, no local em que estamos até hoje.

E&N – Quando tiveram início as exportações na Nutrire?

Simonaggio – A primeira venda externa foi para o Uruguai, em 2004. Com apoio da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação, começamos um intenso trabalho externo, que deve ser contínuo, de muita persistência, de valorização do mercado e dos relacionamentos que se faz. Com participação em feiras, fomos entendendo como funcionam os mercados, encontrando os parceiros ideais e a necessidade de adaptação dos produtos. Também investimos em marcas próprias para atender oportunidades que surgem nos países. Hoje temos 50% da receita proveniente de exportações para 52 países.

E&N – O produto exportado é o mesmo vendido no Brasil?

Simonaggio - Absolutamente o mesmo. O nosso maior desafio é tentar adequar o produto aos 53 países, incluído o Brasil. É um trabalho contínuo, especialmente em P&D e marketing. Importante também encontrar um bom parceiro para ajudar a adequar o produto, além da questão burocrática. O registro da marca em alguns países pode demorar de seis meses a três anos.

E&N – Quais os planos de crescimento no mercado externo?

Simonaggio – Com o projeto de dobrar a produção em cinco anos, queremos ampliar a participação nos mercados e o faturamento. Em 2012, iniciamos um trabalho diferenciado, de profissionalização na área de mercado externo, porque as demandas e exigências, sanitárias e burocráticas, são inúmeras. Temos agentes residentes nos países, representando a marca e prospectando oportunidades. Somente no ano passado, abrimos frentes comerciais em 12 novos países. A ideia é cada vez mais intensificar este trabalho, que também contempla feiras, para dar mais visibilidade ao produto e gerar oportunidade de negócios.

E&N – Como é a representatividade da Nutrire no mercado mundial de comida pet?

Simonaggio – Temos uma presença forte, mas os mercados são muito grandes. Só o dos Estados Unidos é quatro a cinco vezes maior que o do Brasil, considerado o terceiro maior mercado pet. A concorrência é com grandes empresas multinacionais. No Brasil somos o maior exportador de alimento seco para gatos e cães.

E&N – Diante deste quadro, é possível um projeto de produção externa?

Simonaggio - É uma situação bem latente. Cada vez mais temos de estar próximos aos mercados que estão consumindo os produtos. Também existem muitas barreiras protecionistas, dificuldade com algumas matérias-primas e, até mesmo, a possibilidade de o Brasil ter problemas sanitários. Por isso, estrategicamente, é importante termos a possibilidade da produção externa.

E&N – Qual a estrutura fabril da empresa?

Simonaggio – Em Garibaldi, temos duas linhas de produção, com operação 24 horas por dia. São 10 toneladas por hora em cada linha. Esta planta responde por todos produtos direcionados à exportação, além dos mercados da Região Sul. Em Poços de Caldas, em Minas Gerais, inaugurada em 2016, são duas linhas de produção, com capacidade para 16 toneladas por hora no total, em dois turnos, para atender os estados das regiões Sudeste, Norte e Nordeste.

E&N – Estes números devem mudar...

Simonaggio – Estamos investindo R$ 15 milhões para aumento da capacidade fabril em Garibaldi, que será feito de forma gradual até 2028. O projeto envolve recebimento da matéria-prima, laboratório e aquisição de equipamento que automatiza todo o empacotamento. Desta forma, dobraremos a capacidade de empacotamento e, automaticamente, a produção. Resulta, também, em benefícios diretos para o meio ambiente, com redução em cerca de 20% do consumo de filme strech, utilizado na paletização dos volumes. Ainda diminui o consumo de energia e emite menos gases de efeito estufa associado a industrialização. O ganho de eficiência energética é fundamental para o compromisso sustentável. Esse cuidado até alinhado ao projeto Greenlike, iniciado em 2021 com o objetivo de atingir toda a cadeia de fornecimento da empresa, distribuidores, lojistas e consumidores para a conscientização social e ambiental.

E&N – Como a empresa está posicionada no mercado doméstico?

Simonaggio – Quando começamos, eram 55 fábricas; hoje, são mais de 200. Acredito que estejamos entre o oitavo e nono lugar em termos de produção e participação de mercado, e trabalhamos para melhorar esta posição. Hoje, a capacidade instalada nas fábricas em geral está 50% ociosa. É um mercado muito competitivo, porque a exigência é por produtos de qualidade. Um problema sério é a informalidade. Distribuímos amostras grátis nas clínicas, pet shop, agropecuárias e supermercados. Faz muita diferença quando o tutor elogia o produto junto a estes canais. O fato de vendermos em 52 países distintos é um desafio, mas ao mesmo tempo contribui muito para visualizarmos oportunidades e alcançarmos o diferencial competitivo.

E&N – Quais os grandes entraves deste segmento?

Simonaggio - No mercado externo, questão logística, principalmente portos, e o protecionismo. Internamente, surge um novo concorrente todos os meses e tem a carga tributária de 52%. Nos Estados Unidos, o imposto é de 19% e chega a nove por cento em outros países. No Brasil o alimento para animais de estimação é considerado supérfluo.

Leitura

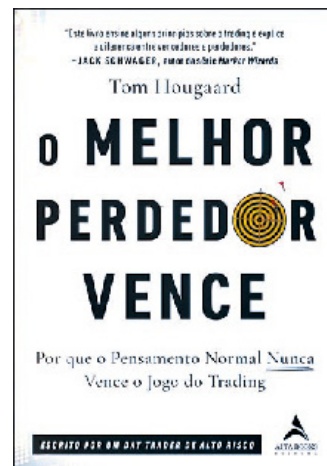
Gestão do tempo

Saber o segredo das técnicas de tomada de decisão dos pilotos de caça da Força Aérea Americana, famosa por sua agilidade em tempos de guerra. Isso é o que o livro "A arte de pensar com clareza", de Hasard Lee, revela ao leitor que deseja aplicar esses segredos do céu em outros campos da vida.

No livro, o autor explica que pilotar um caça a mais de 1.000 km/h significa que cada escolha pode gerar consequências catastróficas. Pensar de forma otimizada nesse tipo de situação extrema formou um grupo de profissionais considerado a elite na tomada de decisões práticas e eficientes.

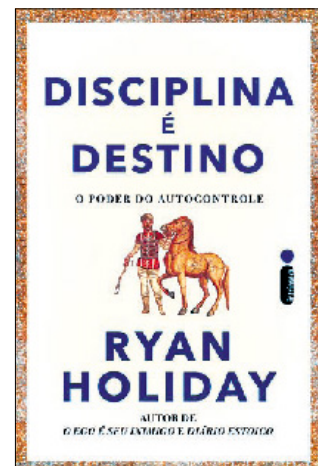
O livro propõe que o leitor possa se utilizar dos mesmos mecanismos dos pilotos para tomar decisões, das mais simples às mais definitivas. Porém, é essencial compreender e interpretar os sinais enviados pelo nosso corpo durante situações críticas para garantir um raciocínio rápido, capaz de encontrar soluções para problemas imprevisíveis.

Hasard Lee, autor do livro e piloto de caça da Força Aérea dos Estados Unidos, relata casos célebres e momentos que ele próprio viveu em combate. Visando orientar o leitor a pensar com mais clareza na tomada de decisões, a obra dá dicas de como aprender com agilidade, cultivar a resistência mental e desenvolver habilidades para avaliar, selecionar e executar uma decisão rapidamente.

A arte de pensar com clareza: A poderosa técnica de tomada de decisão revelada por um piloto de caça; Hasard Lee; Best Business; 224 páginas; R$ 69,90; disponível em versão digital.

Finanças

O livro "O Melhor Perdedor Vence", escrito pelo dinamarquês Tom Hougaard, um grande trader de varejo de alto risco, traz uma visão pessoal e intimista acerca da mentalidade do trading de sucesso. Com lições sobre autoconhecimento e controle de suas próprias emoções, Hougaard, que já conseguiu transformar £25 mil em mais de £1 milhão ao longo de um ano, afirma que arriscar altos valores no processo de trading exige uma mentalidade fora do comum.

O livro narra como habilidades mentais e emocionais são capazes de revolucionar o resultado dos tradings, aumentando o lucro e tornando o trader mais confiante e consciente. Como uma conversa com o leitor, a obra é um guia para esse universo sem se alongar em estratégias específicas ou em gestão de patrimônio, focando assim no gerenciamento da mente, o que influencia o seu resultado tanto quanto suas capacidades de análise técnica. Lançado no último mês de julho, o livro é um antídoto para o pensamento convencional e se consagra como um projeto de um novo sistema de crenças para os traders que desejam melhorar os seus resultados.

O Melhor Perdedor Vence: Por que o pensamento normal nunca vence o jogo do trading; Tom Hougaard; Alta Books; 256 páginas; R$64,90; Disponível em versão digital.

Filosofia

O livro "Disciplina é destino: O poder do autocontrole" é o segundo livro da série que aborda as quatro virtudes estoicas, elaborada pelo palestrante Ryan Holiday. Nesta obra, o autor apresenta a virtude necessária para praticar com sucesso as demais, explicadas em outros livros da série.

A disciplina também pode ser chamada de autocontrole ou temperança, independente do nome, seu objetivo é o mesmo: dar autonomia para quem quer governar em vez de ser governado.

Definir seus limites e ter autocontrole das emoções, pensamentos e ações são algumas dicas dadas para atingir um objetivo através da disciplina. Holiday menciona que, se uma pessoa não estabelece seu limite, o que ela já conquistou pode ser comprometido, assim como seu potencial.

Os segredos para exercer a disciplina com maestria foram utilizados por grandes personalidades, como Marco Aurélio, por sua capacidade de liderança, e Martin Luther King Jr., que se utilizou da não violência.

Ryan Holiday é tido como um dos maiores pensadores contemporâneos que conecta a filosofia antiga à vida cotidiana. O autor é categórico: as lições que a história oferece provam que, sem disciplina, estamos perdidos antes mesmo de iniciarmos o percurso. Se o leitor quer ter condições de tomar as rédeas de sua vida, a disciplina é a chave rumo à verdadeira realização e felicidade.

Disciplina é destino: O poder do autocontrole; Ryan Holiday; Intrínseca; 272 páginas; R$ 59,90; disponível em versão digital.

Responsabilidade social

Pão dos Pobres agiliza processo de reconstrução para voltar a atender a pleno

» *Já foi possível o retorno dos mais de 160 jovens que moram na instituição*

Miguel Campana
miguel.campana@jcrs.com.br

JOSÉ CARLOS ANDRADE/PÃO DOS POBRES/JC

Ainda são necessárias reformas pontuais na estrutura dos prédios que ficaram inundados por cerca de 15 dias durante a tragédia climática no Estado

A Fundação Pão dos Pobres, que atende mais de 1,8 mil crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, continua trabalhando na recuperação de sua estrutura após a enchente deste ano. Como uma parte da restauração já foi feita, foi possível viabilizar o retorno dos mais de 160 jovens que moram na instituição. Apesar disso, ainda são necessárias reformas pontuais na estrutura dos prédios.

O terreno da entidade ficou inundado por cerca de 15 dias. Quando a água finalmente baixou, a equipe da instituição identificou a necessidade de substituir os sistemas elétrico e hidráulico, muito danificados durante a enchente. Outro problema encontrado estava nas divisórias entre as salas dos prédios, que incharam e caíram devido à quantidade de água.

O Pão dos Pobres ainda não conseguiu reconstruir os laboratórios de mecânica automotiva, eletromecânica de elevadores, gastronomia e manutenção de computadores. Segundo o gestor do Pão dos Pobres, João Rocha, o valor estimado para a realização de todas as reformas é de R$4 milhões. Para conseguir os recursos necessários, a Fundação está promovendo uma campanha de arrecadação via Pix.

Além da angariação de fundos, o Pão conta com alguns parceiros para reconstruir os espaços, como a Associação dos Amigos do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas (AHMI). A entidade hospitalar entregou a reforma completa da cozinha do Pão dos Pobres, que serve 42 mil refeições por mês. Com ajuda de uma equipe voluntária de arquitetos e historiadores, a Fundação também tenta recuperar arquivos e fotos históricas da instituição.

No dia 6 de maio, o prédio principal do Pão dos Pobres precisou ser evacuado, após aviso da Defesa Civil de que o terreno da instituição seria invadido pela água que transbordava o Guaíba. As atividades desenvolvidas na Fundação já haviam sido suspensas uma semana antes, em virtude das dificuldades de deslocamento dos participantes.

O Pão recebeu auxílio de várias entidades para acolher as pessoas que residem na instituição. Em um primeiro momento, as crianças e adolescentes receberam abrigo no ginásio do Colégio La Salle Santo Antônio. "As famílias dos alunos da escola contribuíram com mantimentos, pacotes de fralda e cobertores, além de terem criado atividades lúdicas para entreter os acolhidos", explica Rocha.

Após o retorno das aulas no La Salle Santo Antônio, as crianças e adolescentes foram acolhidos pela Fundação Fraternidade, na Zona Sul de Porto Alegre. O espaço cedido pela instituição religiosa abrigou as seis unidades de Acolhimento Institucional do Pão dos Pobres. Quatro dessas unidades estão localizadas no terreno principal da Fundação, na Rua da República.

No início de junho, uma parcela das atividades teóricas desenvolvidas pelo Pão dos Pobres passaram a ser realizadas em espaços cedidos pela Fundação Escola Superior do Ministério Público (FMP).

Como não foi possível adaptar todas as atividades para o formato virtual durante o período mais crítico da enchente, o Pão fez um trabalho de acompanhamento e de fornecimento de cestas básicas, material de higiene, roupas e cobertores para as famílias das crianças vinculadas à instituição.

Rocha valoriza a disponibilidade e a presteza das empresas parceiras e do povo gaúcho. "Várias pessoas têm nos procurado para oferecer materiais e auxílio em recursos financeiros. Nós tivemos uma procura muito boa e isso nos alegra, porque é uma forma de reconhecimento pelo trabalho que o Pão dos Pobres realiza há 129 anos", comenta.

Instituição celebra 129 anos de história nesta semana

O momento atual de reconstrução do Pão dos Pobres coincide com o aniversário da instituição, no dia 15 de agosto. De acordo com o gestor da instituição, João Rocha, a comemoração deste ano será singela.

No início do dia, haverá a entrega de um bolo simbólico para as pessoas internas da instituição. Depois, na parte da tarde, em evento aberto ao público em geral, a Banda do Exército e a Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul, esta última formada por jovens atendidos pelo Pão, irão se apresentar.

"Também será feita a reinauguração de uma parte da fachada externa da instituição, que simboliza o processo de reconstrução pelo qual estamos passando", explica Rocha. Além disso, aprendizes dos cursos profissionalizantes estão produzindo um curta-metragem que resgate a história da instituição.

Ainda em celebração do 129º aniversário, a Fundação irá promover a terceira edição do Passeio Ciclístico do Pão dos Pobres, com data marcada para o dia 25 de agosto, domingo. Às 9h, os participantes irão deixar o bairro Cavalhada, na Zona Sul de Porto Alegre, em direção à quadra do Pão dos Pobres, na Cidade Baixa.

Parte do trajeto abrangerá o trecho da Orla do Guaíba, o que, para João Rocha, deve reaproximar o povo gaúcho e o Guaíba. A participação no passeio ciclístico é gratuita e não requer inscrição prévia.

REPORTAGEM ESPECIAL

Enchentes acirram crise do setor leiteiro no Rio Grande do Sul

» *Produtores que prosseguem na atividade buscam insumos para alimentar o rebanho*

EMATER-RS/DIVULGAÇÃO/JC

Conforme dados colhidos pela Emater/RS-Ascar, entre 30 abril e 24 de maio, foram contabilizadas 2,45 mil cabeças de bovinos leiteiros mortos, a produção total não coletada chegou a 9,62 milhões de litros

Ana Esteves, *especial para o JC*
economia@jornaldocomercio.com.br

Um misto de choque com desespero tomou conta do agricultor e bovinocultor de leite Jorge Dienstmann, do município de Estrela, ao se deparar com o cenário de devastação que a enchente, provocada pelas fortes chuvas que marcaram o mês de maio no Estado, causou à propriedade dele: salas de ordenha e galpões completamente destruídos, máquinas e implementos cobertos de lama, estoque de alimentos para as vacas totalmente perdido e a sensação de que tudo estava acabado. E, de fato, estava: depois de enfrentar a enxurrada de setembro e novembro de 2023, que destruiu bens e meios de produção, mataou mais de 30% do rebanho de vacas leiteiras, que de 105 caiu para 70 cabeças, veio a catástrofe de maio com nova leva de destruição. Com prejuízos calculados em R$ 3,5 milhões, o agricultor não viu saída senão abandonar a atividade leiteira. "Como seguir se não tinha comida para as vacas? O solo destruído, sem condições de plantio? Além disso, perdi outra fonte de renda, que eram os frangos alojados: todos morreram. Fizemos as contas e o melhor era mudar de ramo, seguir plantando soja", afirma.

Ao todo, 7,45 mil produtores de leite gaúchos foram afetados pelas enchentes, distribuídos em diversos municípios

Dienstmann foi um dos 7,45 mil produtores de leite gaúchos que foram atingidos pelas enchentes, distribuídos em diversos municípios. Conforme dados colhidos pela Emater/RS-Ascar, entre 30 abril a 24 de maio, foram contabilizados 2,45 mil cabeças de bovinos leiteiros mortos, a produção total não coletada no Estado chegou a 9,62 milhões de litros, já a produção média diária não coletada foi de 1,46 milhões de litros de leite.

Segundo o presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês do Rio Grande do Sul (Gadolando), Marcos Tang, no auge da enchente, deixou-se de recolher 3 milhões de litros ao dia e essa queda de produção ficou mais ou menos em 10%. "Agora, está um pouco abaixo de 10%, mas o produtor está com muita dificuldade. A produção total do Estado reduziu muito pouco, pois muitos dos atingidos não estão em bacias leiteiras tão pronunciadas, embora importantes", disse o dirigente.

O produtor de Estrela engrossa a lista de famílias que abandonaram a atividade leiteira nos últimos anos, tendência que teve incremento após as enxurradas de maio. Conforme dados do Relatório Socioeconômico da Cadeia Produtiva do Leite 2023 produzido pela Emater/Ascar-RS, o número de produtores de leite vinculados à indústria passou de 40,1 mil em 2021, para 33 mil em 2023, uma redução de cerca de 18%. O número é ainda mais alarmante se comparado ao primeiro ano de realização do documento, que indicava a existência de 84,1 mil estabelecimentos, o que corresponde a uma redução de 60,78%, em nove anos. A tragédia climática de maio será incluída na lista de

Número de produtores de leite vinculados à indústria

2015 ▸ 84.199
2021 ▸ 40.182 (- 60,78%)
2023 ▸ 33.019 (-18%)

Produção diária de leite no Estado

2021 ▸ 278,15 litros/dia/estabelecimento
2023 ▸ 317,17 litros/dia/estabelecimento

Fatores que contribuem para que as famílias deixem a atividade leiteira

Preço pago pelo litro do leite **49,89 %**
Mão de obra pesada **45,96%**
Custo de produção **42,11%**
Dificuldade na sucessão familiar **41,91%**

Volume de leite produzido anualmente pelos empreendimentos ligados à indústria

Entre 2015 e 2023, a redução foi de 8,91%.
2023 ▸ 3.836 bilhões de litros
2015 ▸ 4.212 bilhões de litros

A maior parte da produção leiteira no Estado continua a ser à base de pasto com suplementação, representando 84% das Unidades de Produção.

Muitos produtores migraram para a produção em semiconfinamento (10,65%) e em confinamento (5,35%)

Padrão genético

Holandês **67,03%**
Jersey **15,65%**
Cruza Holandês e Jersey **13,74%**

Número médio de vacas leiteiras por estabelecimento registrou aumento

2023 ▸ média de 23,31 (+67,10%)
2015 ▸ média de 13,95

Produtividade está em alta

2023 ▸ 16,34 litros/vaca/dia
2021 ▸ 15,37 litros/vaca/dia
2015 ▸ 11,76 litros/vaca/dia

FONTE: RELATÓRIO SOCIOECONÔMICO DA CADEIA PRODUTIVA DO LEITE 2023 - EMATER/RS-ASCAR

motivos para a desistência da atividade, justificada hoje por questões como preço pago pelo litro do leite, apontado por 49,89%, a mão-de-obra (45,96%), o custo de produção (42,11%) e a dificuldade na sucessão familiar (41,91%). "Já vinha caindo muito a participação dos produtores na atividade leiteira, e a tendência é de que aumente agora com essa tragédia toda. Houve uma redução de produtores, mas aumento da produção de 14% em média, se comparados os anos de 2021 e 2023, por ganho em produtividade, diz o gerente regional da Emater/RS-Ascar, Cristiano Laste. Em 2023 foram produzidos 317,17 litros/dia/estabelecimento, enquanto em 2021 o volume registrado foi de 278,15 litros/dia/estabelecimento.

Para os produtores que decidiram ficar, o momento agora é de retomada, aos trancos e barrancos, na busca por ajuda para, nesse primeiro momento, ter insumos para alimentar o rebanho, recuperação de salas de ordenha, galpões, maquinário, lavouras e a estrutura da propriedade. "A situação ainda é muito difícil pela dificuldade de formação de pastagens, o milho safrinha que nem conseguimos colher por causa do solo encharcado e da umidade. Houve perda de até 30% de produção', afirma a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Teutônia, Liane Brackmann.

Dados da enchente no Estado

Dados da Defesa Civil do Rio Grande do Sul atualizados em 01 de julho apontam que mais de 96% dos municípios gaúchos foram afetados pelas chuvas que castigaram o Estado entre o fim de abril e o mês de maio deste ano.

Municípios afetados: 478 de 497 **96,17%**
Pessoas afetadas: 2,39 milhões
Feridos: 806
Desaparecidos: 33
Óbitos confirmados: 179

FONTE: DEFESA CIVIL/RS

Dados do setor leiteiro na enchente

Relatório técnico realizado pela Emater/RS-Ascar com uma análise detalhada dos impactos das chuvas e cheias extremas ocorridas no Estado do Rio Grande do Sul, durante o período de 30 abril a 24 de maio de 2024. O Estado do Rio Grande do Sul publicou o Decreto nº 57.626, de 21 de maio de 2024, que atualizou a lista de municípios em estado de calamidade pública (78 municípios) e em situação de emergência (340 municípios).

Número de municípios contabilizados: 456 municípios
Número de localidades: 9,15 mil localidades
Número de propriedades: 206,6 mil propriedades

Municípios em calamidade

Os municípios em calamidade são os seguintes, organizados por região administrativa da Emater/RS-Ascar:

Região administrativa de Caxias do Sul: Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Cotiporã, Gramado, Santa Tereza, São Valentim do Sul.

Região administrativa de Erechim: Barra do Rio Azul, Ponte Preta, Severiano de Almeida.

Região administrativa de Lajeado: Arroio do Meio, Bom Princípio, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Muçum, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Feliz, Lajeado, Imigrante, Marques de Souza, Putinga, Relvado, Roca Sales, São Sebastião do Caí, São Vendelino, Taquari, Travesseiro, Vespasiano Corrêa.

Região administrativa de Pelotas: Pelotas, Rio Grande, São José do Norte, São Lourenço do Sul.

Região administrativa de Porto Alegre: Alvorada, Arambaré, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Charqueadas, Eldorado do Sul, Esteio, Guaíba, Igrejinha, Montenegro, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Porto Alegre, Rolante, São Jerônimo, São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Taquara, Três Coroas, Triunfo.

Região administrativa de Santa Maria: Agudo, Cachoeira do Sul, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Santa Maria, São João do Polêsine, São Martinho da Serra.

Região administrativa de Soledade: Candelária, Fontoura Xavier, General Câmara, Ibarama, Passa Sete, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, São José do Herval, Segredo, Sinimbu, Venâncio Aires, Vera Cruz.

Atividade produção leiteira

Produção diária não coletada 1.464.335 Litros
Produção total não coletada 9.625.918 Litros
Produtores prejudicados 7.450

Perdas em solos

Nas 12 regiões administrativas da Emater/RS-Ascar, 405 municípios relataram = de fertilidade e solos por erosão hídrica em 2.706.683 hectares.

Área atingida e perdas em pastagens

Pastagem	perdas na área atingida (%)	área plantada (ha)	área atingida (ha)
Silagem	67,04	32.159,80	7.548,80
Cultivada	48,84	436.680,00	249.809,22
Nativa	45,02	613.566,85	430.848,65

TOTAL DE PRODUTORES: 32.409

Número de animais mortos

Criação	Quantidade afetada
Aves comerciais*	1.198.489 cabeças *Aves para criação de subsistência e recria integrados com a indústria*
Bovinos de Corte	14.806 cabeças
Suínos	14.794 cabeças
Bovinos de Leite	2.451 cabeças
Piscicultura	937,93 toneladas
Apicultura comercial	16.054 caixas

FONTE: RELATÓRIO TÉCNICO EMATER/RS-ASCAR

REPORTAGEM ESPECIAL

Prejuízo de R$ 3,5 milhões faz produtor abandonar a atividade

Ana Esteves, *especial para o JC*
economia@jornaldocomercio.com.br

"Pai, eu não quero morrer aqui". A fala desesperada da filha do bovinocultor de leite, Jorge Dienstmann, junto ao cenário de destruição da propriedade da família, cujas perdas ultrapassam os R$ 3,5 milhões, foram determinantes para que o produtor tomasse uma das decisões mais difíceis da vida dele: abandonar a produção leiteira e se dedicar apenas à agricultura. "Quando houve a notícia do rompimento da barragem de Cotiporã, já estávamos fora de casa, numa situação terrível, correndo riscos, quando minha filha me disse que tinha medo de morrer ali. Foi quando decidi: não tem como seguir e nem ficar, e fomos para outra casa que eu havia construído mais longe do rio", diz.

Segundo ele, veio tudo a baixo nessa cheia de maio: dos três galpões que ele tinha dois foram ao chão, completamente inutilizados. O galpão de alimentação das vacas e a sala de ordenha destruídos. O resfriador de leite ficou grudado em um fio, boiando três dias na água. Essas duas estruturas me demandariam investimento de mais de R$ 100 mil. Só em silagem seriam mais R$ 120 mil, em quatro meses. "Teria ainda os custos de recuperação da lavoura, replantio da silagem e vai somando. Não tem como continuar".

O produtor conseguiu salvar todas as vacas, mas falta alimento, pois o estoque disponível dá apenas até agosto e, até conseguir fazer nova silagem, seria dezembro. Como surgiu a oportunidade de negociar as vacas, Dienstmann não pensou duas vezes, pois, segundo ele, se fosse continuar teria que patinar uns seis anos sem ganhar dinheiro. "Vou partir para o grão, pois tenho o maquinário e as áreas, e o investimento é menor", revela.

O produtor conta que a casa da família, que fica a 60 metros do leito do rio Taquari, foi severamente afetada pela enchente de maio, mas com alguns reparos daria para morar. "Mas dá uma trovoada e a gente pensa: vai dar enchente".

Mas não foi só o cenário de terra arrasada que desmotivou os produtores, especialmente de municípios do Vale do Taquari, a desistirem da atividade leiteira. A necessidade de sair dos lugares onde moram, buscando terras mais altas que permitam reiniciar a criação dos animais, inviabilizou a permanência de muitos. "Não vamos repor os animais na mesma propriedade, pois daqui a pouco vem nova enchente e sempre a tendência de vir cada vez maior, como ocorreu em maio. Não tem como ficar dentro do risco, investir, construir tudo do zero, galpão, sala de ordenha e perder o rebanho e tudo de novo. Nossas perdas chegam a R$ 3,7 milhões e não consigo reaproveitar nem 10% do que sobrou. E para mudar não tem como, os preços dos terrenos estão impraticáveis e onde a gente mora desvalorizou. Por isso, vamos ficar só na produção de soja", afirma o produtor Samuel Wermann, do município de Estrela.

No caso dele, a tragédia afetou a propriedade em diversos sentidos, mas o pior deles foi a perda de mais de 90% do rebanho. "Eram 147 animais e só sobraram doze. Dez na propriedade e dois pegamos a seis quilômetros abaixo da nossa casa, apareceram vivos lá. O resto morreu, umas 40 presas no galpão, outras foram nadando embora e desapareceram, morreram em outros lugares", lamenta.

Além disso, ele teve danos em boa parte do maquinário, cinco tratores todos debaixo d'água, implementos molharam todos, alguns com seguro, mas todos vão dar manutenção, algumas máquinas que são eletrônicas e dão muita despesa. As lavouras também foram destruídas: dos 160 hectares de soja, havia 75 hectares ainda para colher que foram perdidos. Quase toda a alimentação estocada para as vacas também foi perdida: 900 toneladas de silagem e umas 250 bolas de pré-secado que Wermann produzia, tudo foi embora. Segundo ele, a intenção é vender os animais que sobreviveram e seguir plantando soja.

JORGE DIENSTMANN/ARQUIVO PESSOAL/JC

Dienstmann contabiliza a perda de mais de 90% do rebanho devido às cheias

Abastecimento de leite deve se manter estável no Estado

A redução na produção de leite no Estado, provocada pela destruição de propriedades em várias regiões, não deve levar a um cenário de desabastecimento do alimento. Quem garante é o secretário executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat), Darlan Palharini. Segundo ele, nas regiões mais atingidas estão apenas 10% dos produtores de leite gaúchos.

"Nas grandes regiões produtoras de leite, Norte e Noroeste, houve menos danos e pouco atraso na questão de alimentação dos animais e a produção vem vindo", completa. E mesmo que tivéssemos o pior cenário, com mais áreas produtoras atingidas é só estalar os dedos que vem leite da Argentina e do Uruguai para atender o mercado".

Segundo Palharini, entra muito leite em pó e queijo dos países vizinhos pela condição de preço desses produtos, mais competitivos no mercado internacional. "Se comparar o mês passado de preço médio de Conseleite, o produtor gaúcho recebeu US$ 0,55 pelo litro do leite, enquanto na Argentina e Uruguai eles recebem US$ 0,36, pois é uma diferença enorme em termos de custos de produção e valor de matéria-prima", avalia Palharini.

A questão dos preços ao consumidor não deve ter grandes alterações, diferente do que a gente vê nessa época de inverno, que é, normalmente, uma época em que reduz a oferta de leite e acaba aumentando o curso de produção.

A produção de leite foi impactada no Estado por uma série de fatores: falta de alimento para as vacas, problemas com o transporte do produto causados pelas enchentes que destruíram estradas, e que também refletiram nos preços da logística. Muitas estradas ainda seguem sem condições de trafegabilidade, fazendo aumentar a rota de coleta do leite. "Esse custo acaba sendo dividido entre o produtor e a indústria, pois o consumidor não vai pagar mais caro pelo leite", afirma.

Sobre os danos sofridos pela indústria, Palharini diz que foram pouco significativos, especialmente por falta de energia elétrica, mas nada perto do que ocorreu nas propriedades rurais. "Os parques industriais não chegaram a ter grandes abalos, sendo quase todos preservadas", informa Palharini.

Sobre a saída de produtores da atividade, ele diz que a tendência é agravar a situação, pois muitos foram atingidos pela terceira vez. "Não tem lucratividade que possa sustentar isso e, se ele já tinha uma produção pequena, tem toda a questão psicológica de continuar na atividade ou não. Estamos vivendo um período de achatamento do número de produtores. Mas, por outro lado, a produção estadual não caiu e tem muitos tambos produzindo mais de 1000 litros de leite por dia, ou até mais, com lucratividade muito boa.

TÂNIA MEINERZ/JC

Palharini diz que tendência é a situação se agravar ainda mais

Mesmo com perdas sucessivas, produtora segue na pecuária leiteira

Ana Esteves, *especial para o JC**
economia@jornaldocomercio.com.br

O amor pela terra e a falta de um lugar para ir e recomeçar a vida longe do risco de uma nova enchente fez com que a produtora rural Louvani Buhl decidisse ficar na propriedade localizada no município de Estrela e seguir com o trabalho na pecuária leiteira. "A gente não tem para onde ir, e nem quero sair. Aqui é o lugar da gente. Até porque tudo na volta aqui foi afetado, teria que ir para outra região do Estado, e não quero", diz.

Ela conta que os prejuízos maiores com a enchente de maio foram com a perda das pastagens de azevém e aveia semeadas pouco tempo antes da inundação. "A semente estava caríssima e muito escassa e, infelizmente, perdemos tudo de uma área de quatro hectares que agora está coberta por lodo", conta. O milho que estava plantado também foi perdido e, por isso, eles precisaram de ajuda para arrecadar alimento para os animais.

A boa notícia é que o plantel de 37 vacas leiteiras se salvou todo, pois, com a ajuda dos vizinhos, ela conseguiu retirar os animais antes da subida violenta da água. "Se dizia que a água não ia chegar, pois houve outras duas enchentes e não chegou. Mas agora foi diferente, muito mais forte, precisamos levar as vacas para longe da casa, pois elas queriam voltar para perto da água. Precisamos botar elas num lugar mais alto". Pelo estresse, os animais não conseguiram produzir muito, precisaram ser esgotadas só duas vezes, o que reduziu a quantidade de leite que a produtora precisou colocar fora. "O caminhão não conseguia coletar, pois não tinha estrada. O leite precisou ir todo fora. O resfriador também estragou, mas agora já estamos recuperando as perdas aos pouquinhos com os animais voltando a produzir". A estrutura do galpão e os equipamentos também foram preservados e ela conseguiu retirar boa parte dos móveis da casa, que teve assoalho e portas danificados.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Estrela, Rogério Heemann, disse que, nos municípios mais atingidos, a tendência é de que só uma minoria permaneça nas suas terras, pois a possibilidade de acontecer nova enchente é grande. "A maioria vai arrendar, pois vender não vale a pena. Uma área que antes valia R$ 100 mil, hoje não vale nem R$ 10 mil. A terra desvalorizou terrivelmente". Heemann defende linhas de crédito especiais e anistia das dívidas passadas para "os produtores que bravamente vão ficar", pois perderam casa, máquina, animais, alimento.

LOUVANI BUHL/ARQUIVO PESSOAL/JC

Louvani diz que prejuízo mais expressivo foi na destruição das pastagens

Falta de alimento para as vacas preocupa indústria e entidades ligadas ao segmento

Depois de amargar perdas severas com a enchente de maio: animais mortos ou perdidos, galpões e salas de ordenha destruídos, máquinas e equipamentos cobertos de lodo, muitos com perda total, os produtores enfrentam agora o problema da falta de alimento para as vacas. A situação preocupa a indústria, pois os volumes de leite coletados estão em queda, justamente num período que deveriam estar em alta. O presidente liquidante da cooperativa Languiru, Paulo Birck, diz que o período de maio é de aumento da produção, pois tem temperaturas mais amenas, principalmente o gado Holandês, pois se passar de 25° C ele começa a ter perda de produtividade.

"Num maio normal, coletávamos na faixa de 6,5 milhões de litros ao mês. Caiu para 5,6 milhões de litros. Em junho, recuperamos um pouco, chegando a 6 milhões de litros, mas se fosse num ano sem enchente, com pastagens de inverno a pleno, seriam 8 milhões de litros. E esse impacto é sentido na Languiru e outras indústrias também", disse Birck.

A grande preocupação é quando o produtor terá alimento disponível de novo. Tem propriedades que estão vendendo rebanhos, porque vai faltar alimentação. "Uma lavoura de milho precisa de, no mínimo, cinco meses para estar pronta. E antes de plantar os produtores terão que recuperar as áreas para implantar uma cultura, pois tem mais de 50 cm de sedimentos em cima dessa terra, trazidos pela água", acrescenta Birck.

Um dos momentos mais críticos da enchente foi quando os produtores precisaram colocar leite fora, pois esgotavam as vacas e não tinham nem como resfriar o alimento, pois os resfriadores estavam debaixo d'água. Os que conseguiam resfriar, não tinham como mandar via caminhão para a indústria, pois não tinha estrada para que os leiteiros chegassem nas propriedades. "A perda de produção foi enorme e, agora, esse impasse da falta de comida", complementa Birck.

O coordenador da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag) no Vale do Taquari, Marcos Hinrichse, ressalta que tem muito inverno pela frente, com pouca pastagem disponível a campo, sem silagem, e o produtor depende de apoio de fora. "A Fetag está dando esse apoio, mas não sabemos até que ponto vai ser suficiente".

Para o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, seria importante esse aporte do Fundoleite justamente para subsidiar as propriedades que estão com dificuldade de alimentar o rebanho. "O clima não tem ajudado, tem tido pouco sol, o que prejudica a questão das pastagens e agrava ainda mais o problema da falta de alimento para os animais", diz Palharini.

Setor segue sem respostas sobre valor e data para liberação do Fundoleite

Mesmo diante da maior catástrofe climática já vivenciada pelos gaúchos, produtores e indústria do setor leiteiro seguem sem respostas do governo do Estado sobre quando e quanto será liberado de recursos do Fundo de Desenvolvimento da Cadeia Produtiva do Leite do Rio Grande do Sul (Fundoleite).

"Estamos no aguardo para que seja feito o anúncio da liberação dessa verba, para que esse recurso seja aplicado a fundo perdido para os produtores, para reposição de vacas leiteiras, implantação de pastagens, preparação de solo", afirma o secretário executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat), Darlan Palharini. Sobre o saldo do fundo, o dirigente diz ter sido feita uma consulta junto à secretaria da Agricultura e secretaria da Fazenda, mas ainda não recebeu resposta.

"Deve estar próximo dos R$ 40 milhões, mas não temos esse dado oficial. Não é muita coisa, mas para atividade inteira é um valor bem considerável, que pode melhorar a competitividade", completa. Lideranças do setor também solicitaram aumento do crédito presumido do PIS e Cofins, através do programa Mais Leite Saudável do Governo Federal, passando de 50% para 100% para as empresas quadruplicarem os investimentos voltados ao restabelecimento dos produtores afetados.

"No Fundoleite, está um dinheiro escondido atrás de dez cofres de burocracia, este é o problema", protesta o presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês (Gadolando), Marcos Tang. Ele diz que, se o recurso do fundo não puder ser usado agora para socorrer o produtor, num momento de extrema dificuldade, "não entendemos mais para que serve esse fundo", completa o dirigente.

Em nota, a Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação afirmou que "o governo está trabalhando para a liberação dos recursos do Fundoleite, na ordem de cerca de R$ 10 milhões, mas há questões administrativas e jurídicas que precisam ser superadas para manifestações futuras". A Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), lançou um projeto de fomento à cadeia produtiva do leite na ordem de R$ 30 milhões. Haverá bônus financeiro para produtores de leite com projetos vinculados à cadeia produtiva do alimento. O bônus será concedido diretamente na contratação das linhas de crédito disponibilizadas para agricultores familiares no Plano Safra 24/25. A partir da segunda quinzena de agosto, os produtores poderão acessar o programa diretamente nas agências do Banrisul.

Continua na **página 10**

REPORTAGEM ESPECIAL

Nos últimos 10 anos, 50% dos produtores abandonaram a atividade leiteira, diz Marcos Tang

Ana Esteves, *especial para o JC**
economia@jornaldocomercio.com.br

O presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês (Gadolando), Marcos Tang, faz um panorama da atividade leiteira gaúcha, que amarga prejuízos há anos, agravados pelas enchentes de maio e que acarretaram um movimento ainda maior de produtores que optaram por deixar a atividade leiteira.

Empresas & Negócios - Quais os principais motivos pelos quais os produtores de leite têm abandonado a atividade?

Marcos Tang - Nos últimos 10 anos, 50% dos produtores que estavam na atividade leiteira largaram a atividade. Tiveram que abandonar pelo alto custo na produção do leite e baixa remuneração que não paga os custos. Inicialmente, as pessoas diziam assim: são produtores que não se adaptaram, não investiram, não se adequaram. Isto é uma verdade parcial, talvez lá no início, pois vieram as normativas, tanque de expansão e foram necessários enormes investimentos nas propriedades leiteiras.

E&N - Mas essas medidas foram importantes para a qualidade do leite gaúcho, certo?

Hoje temos leite de qualidade no Rio Grande do Sul, e isso queremos deixar muito claro ao consumidor

Tang - Claro, concordamos com todas elas, pois hoje temos leite de qualidade no Rio Grande do Sul, e isso queremos deixar muito claro ao consumidor: leite com qualidade, tanto que não tem sido a pauta, o nosso leite tem qualidade e ponto. Mas esses produtores fizeram essas adaptações, esses investimentos, e a remuneração muitas vezes não cobriu esse investimento para pagar os empréstimos que tiveram que ser feitos. Aí você pega o Rio Grande do Sul, incluímos agora então as nossas condições climáticas desfavoráveis, não só a enchente, nós tivemos três anos de estiagem, seguidos agora por dois anos, 2023, 2024, de enchentes. Não foi só uma enchente, a de maio, que foi a grande impactante, mas tivemos setembro com chuvas fortes, 100 mm em dois dias e, em outros momentos, atrapalhando enormemente a nossa produção de alimentos. Agora, nós estamos com dificuldade de produzir alimento para nossas vacas leiteiras.

E&N - É possível dizer que a tragédia climática fez crescer ainda mais a curva de abandono da atividade?

Tang - A enchente entra neste contexto, para alguns uma dificuldade a mais a ser superada, e vão superar, e estão pegando empréstimo, estão pedindo ajuda, e estão conseguindo doação de alimentos para os animais e crédito para comprar. E assim por diante. Mas, para muitos, foi a pá de cal para encerrar com a atividade. Eu sempre lembro, quando eu fui presidente a primeira vez da Gadolando, dizia-se que nós tínhamos 60 mil, 80 mil produtores de leite, tínhamos praticamente 80 mil notas fiscais no fim do mês de produção de leite, hoje nós estamos na casa dos 30, 32 mil, e agora, após enchente provavelmente mais uma queda. Então, mais de 50% dos produtores pararam. É certo que quem ficou na atividade aumentou sua escala produtiva, mas, se hoje estão reclamando, se hoje estão com dificuldades, são os produtores que se adequaram, investiram e produzem o leite qualidade, mesmo enfrentando enormes dificuldades.

MJ ALVARENGA/DIVULGAÇÃO/JC

Dirigente lembra que os produtores já estavam com dificuldades pelos três anos de seca e alto custo de produção

Tivemos setembro com chuvas fortes, 100 mm em dois dias e, em outros momentos, atrapalhando a produção de alimentos

E&N - E como tem sido equacionada essa questão da falta de alimento para os animais?

Tang - Se você não consegue produzir o seu próprio alimento, você tem que comprá-lo e, às vezes, pagando muito porque tem que vir de longe, às vezes tem frete, encarecendo enormemente. A enchente entrou nesse contexto, com produtores que já estavam com dificuldades pelos três anos de seca, alto custo de produção, baixa a remuneração, aí entra a importação também, competindo deslealmente conosco, e a enchente foi, como se diz aqui no Rio Grande do Sul, muitas vezes a pá de cal para alguém que estava na dúvida e remando com dificuldade, encerrar suas atividades. A questão do alimento é uma grande dificuldade, pois a atividade leiteira tem médio e longo prazo: uma terneira que nasce hoje, em julho de 2024, só produzirá leite em julho de 2026. São 24 meses tratada como bom alimento, carinho, cuidado, sanidade para ter uma boa vaca leiteira depois desse período. E ainda acho que na primeira lactação ela paga a sua criação, para depois na segunda lactação dar algum retorno ao produtor. Então, como vamos ter alimento se tivermos três anos de estiagem e ninguém conseguiu fazer uma boa reserva de alimentos? Aí, quando plantaram pastagem veio a enchente. Não é o produtor de leite que está sempre chorando, as coisas estão difíceis mesmo.

E&N - A dieta das vacas inclui alimentos volumosos (forragens) e concentrados (grãos). A dificuldade está em conseguir os dois?

Tang - A ração, os grãos, você vai na agropecuária e compra. A grande dificuldade está em ter o volumoso, como feno, pré-secado, pastagem. Mesmo tendo dinheiro, está difícil de achar, muitas vezes tendo que vir de outras regiões. E o produtor sabe que ele mesmo tem que produzir o seu volumoso para diminuir o custo de produção e poder ter algum lucro. Tudo o que estamos falando aqui é custo de produção alto, porque não está sendo possível, nos últimos anos, no Rio Grande do Sul, você produzir o alimento para o seu gado.

E&N - E qual a situação agora, no pós-enchente?

Tang - O grande problema de quem foi enormemente atingido pela enchente, além da perda de animais, construção, produção de alimento, alojamento principalmente no Vale do Taquari, em Santa Cruz, Rio Pardo, Vale dos Sinos, Serra, também se perdeu muita pastagem que agora está fazendo falta. Nessa época, as vacas deviam estar pastando, ou este pasto ser servido no cocho, cortado e levado ao cocho. Isso devia ter acontecido em maio, junho, mas estamos em agosto e até agora ainda não temos esse pasto. Nossas pastagens estão muito atrasadas e não vamos conseguir usufruir delas, porque a maioria dos produtores tem pouca área de terra, então a mesma área é utilizada com duas, três safras: tira ali em março, abril, o milho, faz silagem, e semeia o pasto. Aí, em maio, junho, julho, agosto, setembro, usa esse pasto. Em outubro, planta o milho de novo, e assim por diante. Mas este ciclo se atrasou todo, porque em maio as pastagens foram lavadas, escorridas e riscadas do mapa. Então teve que ser ressemeada onde o solo permitiu, pois em muitas áreas tem que haver uma recuperação de solo, e recuperação de solo não é rápido, vai anos, ou seja, a próxima safra também está comprometida. Nas áreas menos atingidas, tivemos 60 dias de atraso nas pastagens, as áreas que tiveram o solo arrasado não têm como instituir uma pastagem.

** Ana Esteves é jornalista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). Atuou como repórter setorista de agronegócios no Jornal do Comércio, Correio do Povo e Revista A Granja. Hoje, atua como assessora de imprensa e repórter freelancer. Também é graduada em Medicina Veterinária pela Ufrgs.*

Mulheres se preocupam mais com compra sustentável do que homens, revela pesquisa

CONSUMO » *Iniciativa da CNC envolveu consulta online em várias regiões do País*

No Brasil, as mulheres manifestam mais preocupação com o consumo sustentável do que os homens. É o que mostra uma pesquisa divulgada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). O estudo buscou compreender de que forma aspectos ambientais, sociais e econômicos influenciam o comportamento do consumidor.

Com o título de Pesquisa Consumo Consciente - Visão do consumidor 2024, a iniciativa envolveu uma consulta online com 1.019 pessoas. A coleta dos dados foi realizada no fim de outubro do ano passado em 320 cidades, de todas as regiões do País. Os entrevistados responderam a um questionário sobre o tema. Os resultados foram desagregados por gênero, classe social, faixa etária, escolaridade e localização geográfica.

Entre as mulheres, 36% afirmaram que deixam de comprar produtos de vendedores ou fabricantes com práticas nocivas ao meio ambiente, 39% disseram rejeitar empresas envolvidas em escândalos de desrespeito aos empregados e 38% recusam marcas envolvidas em fraudes ou corrupção. Já entre os homens, foram registrados percentuais mais baixos em todos os três tópicos: 33%, 38% e 36%, respectivamente.

O público feminino também é mais propenso a realizar muitas pesquisas de preços antes de realizar uma compra: 67% das mulheres afirmaram ter esse hábito. Entre os homens o índice foi 61%.

O público feminino também é mais propenso a realizar muitas pesquisas de preços antes de realizar uma compra: 67% das mulheres afirmaram ter esse hábito

Os participantes foram indagados sobre quais seriam as principais preocupações para a adoção de um consumo consciente. A ordem das respostas mais assinaladas foi similar entre as mulheres e os homens, com leves diferenças nos percentuais.

A lista foi encabeçada pela redução da poluição e pela utilização dos recursos naturais de forma responsável, citadas respectivamente por 61% e 58% das consumidoras e por 60% e 57% dos consumidores. Em terceiro lugar, aparecem as questões trabalhistas das marcas, lembrada por 55% das mulheres e 56% dos homens. Além disso, 54% de ambos os gêneros mencionaram a redução do impacto na flora e fauna.

Os entrevistados também responderam quais as atitudes mais adotadas em linha com um consumo consciente. As respostas mais citadas foram a compra de produtos em refil para reutilizar embalagens, a compra de produtos que podem ser reaproveitados, o uso racional dos recursos naturais como energia elétrica e água, a preferência por produtos feitos de materiais recicláveis, a recusa em comprar de empresas com escândalos de desrespeito aos empregados e a separação do lixo reciclável em casa.

RAWPIXEL/FREEPIK/JC

Estudo aponta a necessidade de as empresas construírem uma pauta para tomada de decisões com base nos clientes

Os resultados da pesquisa indicam ainda que as certificações socioambientais - como Produtos Orgânicos Brasil, Selo FSC, ISOs, NBRs, Selo Procel, e Selo Empresa Amiga da Criança - são importantes para a maioria dos ouvidos. Elas foram consideradas relevantes para 58%, sendo extremamente relevantes para 21%.

De outro lado, cerca de 70% dos consumidores consultados não consideraram que a compra de produtos piratas ou falsificados seja um hábito que prejudica a economia. Eles também consideram que a prática está relacionada com a baixa conscientização e educação sobre o assunto.

De acordo com o relatório da pesquisa divulgada pela CNC, foi constatado crescente interesse dos consumidores pela sustentabilidade, o que impõe a construção de uma pauta para a tomada de decisão dos empresários. Ainda há, no entanto, obstáculos para que a sustentabilidade seja adotada de forma mais ampla nas práticas de consumo. "No Brasil, 51% dos consumidores consideram as opções sustentáveis muito caras, e em segundo lugar, para 46%, há dificuldade com a disponibilidade limitada de produtos sustentáveis", diz o relatório.

Segmentação social e regional

Entre os dados segmentados por classe social, observa-se que os consumidores da faixa de renda média mensal domiciliar entre R$ 900,60 e R$ 1.965,87 são os mais preocupados em pesquisar preços. A prática é reivindicada por 67% das pessoas desse grupo. Para as demais faixas de renda, o percentual é mais baixo, variando entre 63% e 65%.

Ao mesmo tempo, a compra por impulso é mais frequente entre as populações com menor renda. Nas faixas C, D e E, que vão até a média mensal domiciliar de 1.965,87, esse comportamento é relatado por 8% dos consumidores. Na faixa C+, esse percentual é de 6% e nas faixas A e B de 5%.

Cerca de 29% dos entrevistados dizem não ser nem muito econômico e nem muito gastador. Na segmentação por classe social, esse índice variou entre 25% e 31%.

Dados específicos do varejo

A pesquisa, cuja íntegra está disponibilizada no portal eletrônico da CNC, também apresentou dados específicos envolvendo alguns segmentos do varejo. Houve análises para os comércios de roupas e acessórios; eletroeletrônicos; produtos de limpeza; alimentação e bebidas; higiene pessoal e beleza; lazer e turismo; e instituição de ensino.

No consumo de alimentos e bebidas, por exemplo, 25% declararam preferência pela produção comunitária, 21% a embalagens recicláveis ou biodegradáveis e 17% a produtos orgânicos. Já em relação aos itens de higiene e beleza, 26% afirmaram dar preferência a produtos com certificação de bem-estar animal, os quais atestam que não houve uso de animais em testes. Na escolha dos produtos de limpeza, a busca por embalagens de refil foi mencionada por 47%.

Para 55% dos entrevistados, as práticas sustentáveis são relevantes na escolha do destino turístico. De outro lado, 51% afirmaram não estarem dispostos a pagar sobretaxas nas passagens aéreas para compensar a emissão de gases do efeito estufa, enquanto 38% aceitariam pagar se obtivessem mais informações sobre as medidas adotadas. Os outros 11% dizem que já costumam pagar taxas extras voltadas para a sustentabilidade da aviação.